REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 372

21 DE ABRIL DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha um velho dictado portuguez que diz cheio de ironia: Vão lá pelos domingos tirar os dias santos!

Podemos este anno paraphrasear o dictado: Vão lá pelo domingo de Ramos tirar a Semana Santa!

Depois d'esses dias de medonho vendaval, que transformaram o meiado de abril, em pino de dezembro dos invernos mais tormentosos, o domingo de Ramos appareceu carrancudo, sombrio, negro, cheio de ameaças terriveis.

E não ficou só pelas ameaças; cumpriu-as como dia de palavra, e que o digam os pobres anjinhos da procissão do Triumpho, que tiritavam de frio, molhados até á medula dos ossos pelas ruas da baixa, que o digam os enxarcados devotos dos Terceiros do Carmo, que no cumprimento do testamento d'um piedoso e rico bemfeitor, que ha muitos annos lhes legou uma importante verba sob condição de fazerem a procissão dos Ramos todos os annos, quer chovesse quer ventasse, tiveram que, n'esse dia em que chovia e ventava, passear pelo Chiado, rua Augusta, Rocio e Carmo, as esculpturas dos passos do Senhor, as illustrações em vulto dos capitulos mais dilacerantes e dramaticos, d'essa colossal e dolorosa tragedia que ha 1889 annos assombra o mundo, escripta com o sangue d'um innocente e com as lagrimas de uma mãe, nas imminencias do Golgotha, e que tem atravessado seculos aureolada pela luz viva da Fé, luz que ainda hoje apesar de tantos annos de luctas e de trabalhos, apesar das immensas metamorphoses por que tem passado o espirito humano irradia, para muitos, como sendo a luz da verdade.

O domingo de Ramos foi um dia tempestuoso, e a Semana Santa este anno começou como o Otello de Verdi por uma *tempestade*; mas ao contrario de todas as previsões dos bordas de agua, e todos em Lisboa o são, porque de tempo todos cá entendem e todos fallam, como entendem e fallam de theatro e de musica — esse preludio não teve seguimento e a população lisboeta poude assistir aos officios religiosos, visitar as egrejas e os confeiteiros por um tempo explendido, uns dias deliciosos de primavera, que tornaram essa via sacra n'um passeio agradabilissimo.

E essas duas coisas juntas — o bom tempo e a Semana Santa, o espirito religioso e a vontade de passear, encheram as ruas de gente, enxotaram para fóra do cortiço toda a população da capital e Lisboa na quinta feira de Endoenças apresentava um aspecto verdadeiramente festivo e animado, que não está muito nos seus habitos de cidade caseira, onde o sahir á rua é apenas especialidade de meia duzia de familias, que se encontram habitualmente na Avenida, no Chiado e na rua do Ouro, e que constituem o que entre nós se convencionou chamar «a gente conhecida.»

Entretanto o visitar egrejas não dá rasoavelmente uma chronica, a não ser que nos embrenhemos na discripção minuciosa da ornamentação dos templos, que n'esse dia abrem as suas portas ás visitas, na contagem das luzes que illuminavam os thronos, que é de ordinario o *clou* d'essa *mise-en-scene* religiosa, o ponto em que as egrejas disputam umas ás outras a primasia.

Deve-se confessar porém que em algumas das egrejas essa *mise-en-scene* era magnifica, e que os thronos muito illuminados destacando lá no fundo, no altar mór, das trevas densas que enchiam os templos, eram d'um effeito deveras surprehendente.

A parte lithurgica do catholicismo é realmente bella como espectaculo; é, e tanto assim que ainda ha poucos annos em Inglaterra esse espectaculo prejudicou sensivelmente o effeito d'uma peça.

Essa peça era nem mais nem menos de que uma peça de Shakspeare, não me lembra agora o nome d'ella, uma peça em que um quadro se passa n'uma egreja catholica durante a celebração d'um officio divino.

O director do theatro que dava a peça, montou-a com um grande luxo e um minucioso escrupulo de *mise-en-scene*, e ensaiara primorosamente a cerimonia religiosa, que se fazia com todo o rigor como se effectivamente se estivesse em uma egreja.

E o publico, na grande maioria protestante e portanto completamente alheio ao ritual catholico apostolico romano, ficou tão surprehendido por essas cerimonias religiosas, que via pela vez primeira, interessou-se tanto por ellas, achou-as tão curiosas, que se poz a seguil-as com uma attenção escrupulosissima, tão escrupulosa, que até se esqueceu completamente da peça e da sua acção e dos seus personagens, para sómente seguir todas as peripecias da solemnidade religiosa, minuciosamente ensaiada e posta em scena com o mais apurado rigor.

8.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»

SANTA THEREZA — BUSTO EM MARMORE

ESCULPTURA DA EX.MA SR.A DUQUEZA DE PALMELLA

(Segundo photographia)

E o emprezario inglez comprehendendo *qu'il faut de la mise en scène mais que trop n'en faut*, vendo que ella lhe matava o drama deixou-se da reproducção fiel e minuciosa do ritual catholico na peça de Shakspeare.

Este facto que nos foi narrado por um portuguez, e por um portuguez muito illustre nas nossas lettras, que o presenciou, é curioso e mostra bem o que ha de interessante e de bello nas cerimonias do culto externo da nossa religião.

As cerimonias da Semana Santa então, são realmente d'um magnifico espectaculo para os olhos e a Alleluia, principalmente tem todo o imprevisto, todo o deslumbramento d'um verdadeiro *coup de theatre*.

E' muito conhecida a historia d'aquelle inglez protestante, que tendo ido por mera curiosidade de *touriste* assistir a uma alleluia na igreja da Graça ficou tão maravilhado, gostou tanto da cerimonia, que no fim d'ella foi pedir para lhe fazerem outra alleluia no dia seguinte, custasse o que custasse, não fazendo questão de preço.

Ora se effectivamente o effeito produzido por essas festas da semana santa é tão grande, tomadas ellas unicamente como espectaculo, na sua *mise-en-scène* theatral, calcula-se bem qual o effeito enorme que essas festas produziriam aqui ha seculos, no espirito dos fieis, n'esses tempos de ardente fé religiosa, em que o povo alem de ser deslumbrado pelo apparato imponente d'essas cerimonias, era profunda e seriamente envicionado pelo drama tragico que ellas commemoravam, e sentia vibrar-lhe na alma, essa dilacerante historia de lagrimas, na sua dupla phase de drama humano e de tragedia divina.

Hoje as festas da semana santa são tomadas geralmente como umas festas mundanas.

O recolhimento, a uncção respeitosa, com que d'antes o povo assistia a essas cerimonias e via passar nas ruas as longas procissões de penitencia, desappareceram quasi totalmente: entra-se na Encarnação e nos Martyres, com a mesma commoção com que se entra no Baltresqui e no Ferrari: muitos labios resam ainda padre-nossos, mas os olhos miram entretanto as *toilettes* extravagantes que n'esses dias saem á rua; o publico enche as ruas para ver passar as procissões, mas leva para essa piedosa cerimonia a mesma uncção religiosa, que leva para a Avenida quando vae assistir á Batalha das Flores, e a Semana Santa de Lisboa passa envolvida n'esse tom ligeiro de galhofa e de festança, que é no nosso tempo o tom dominante da sociedade lisboeta em todos os seus actos, tanto sagrados como profanos.

Eu não pretendo de forma alguma vir aqui philosophar a proposito de quinta-feira de Endoenças, sobre o feitio caracteristico da nossa sociedade moderna; não faço mais do que constatar esse facto, que a acompanha em todas as manifestações da nossa vida externa.

A's vezes a rhetorica do noticiario quer puchar a brasa á sua sardinha, e ver n'essas manifestações outro sentimento qualquer que não seja o da curiosidade e o da festança gratuita: mas perde completamente o seu latim.

Toda a commoção profunda que os noticiaristas veem nas massas, que assistem ao enterro de um homem celebre, ao desfillar d'um cortejo civico, á passagem d'um viajante illustre, á chegada de qualquer personalidade em voga, está apenas nos olhos d'esses noticiaristas, e mais do que nos seus olhos, nas necessidades do seu estylo; as massas são sempre movidas pelo mesmo impulso, obedecem sempre ao mesmo principio: — divertirem se de graça.

E por isso ellas lá estão sempre na rua, e sempre com o mesmo ar de quem se quer divertir, quer se trate de vêr uma procissão ou de vêr um casamento, de visitar egrejas ou de visitar confeiteiros, de vêr chegar o Boyton ou de vêr partir o rei da Suecia, de vêr queimar um fogo de vistas, ou de vêr arder um predio importante, de vêr descer á cova um personagem illustre, ou de vêr subir ao ar um balão com um carneirinho.

Entretanto devemo-nos apressar a fazer uma declaração em honra dos nossos patricios: este feitio não é só d'elles, parece que é o feitio de todos os povos da Europa no fim do seculo XIX.

Por toda a parte se dá a mesma coisa, o que prova que isto não é defeito da nossa terra é um mal do nosso tempo.

No ultimo numero do nosso jornal publicámos uma formosa poesia assignada por João Diniz intitulada *No confessionario*. Essa poesia faz parte d'um bello volume de deliciosos versos do mesmo auctor, que com o titulo de *Aquarellas* publicou agora no Porto a livraria Gutenberg.

O livro é prefaciado por Eça de Queiroz, e n'esse prefacio em que rapidamente faz um estudo entre a poesia romantica e a poesia parnasianna, o brilhante author do *Crime do Padre Amaro*, apresenta João Diniz e o seu livro, n'estes breves e elegantissimos periodos, que dizem muito mais em favor do livro do que o diriam longas criticas:

«Aqui está pois um poeta que ousa modestamente esta cousa rara: — ser singelo e ser claro. Não é por um esforço doloroso da imaginação burilando com o suor na fronte lavores atormentados sobre o «verso» que elle lança ao mundo o seu canto. Pelo contrario! Abandona-se simplesmente, francamente, á sua emoção, e quando ella apparece, despertada pela Natureza ou pelo sentimento — deixa-a correr n'uma forma limpida como a fonte d'onde vem, saudavel, fresca, que vae seguindo, que vae cantando á maneira d'um d'esses modestos regatos de prado, onde por vezes se reflecte o ceu inteiro.

«De resto a sua Musa tem gostos simples. Não se abalança a remontar ás estrellas, nem a mergulhar nos mysterios: e o caminho por onde de preferencia conduz o poeta é o familiar e estreito caminho que incessantemente trilham os passos humanos. São por isso de todos os dias as cousas que o commovem: um bello occaso, uma lagrima surprehendida, uma paisagem, uns lindos olhos entrevistos, uma fragilidade que faz sorrir, bastam para que elle corra os dedos n'esse pequeno alaude onde as cordas não são d'oiro nem de bronze, e por isso mesmo talvez dão uma vibração mais humana.»

Creio que não será necessario levar mais longe a transcripção para que todos tenham desejos de ler o livro de João Diniz, desejo, que a formosa poesia que o OCCIDENTE deu no seu ultimo numero, tinha já feito nascer decerto em todos que a leram.

Gervasio Lobato.

OITAVO SALÃO

(Concluido do n.º 369)

Debaixo dos carvalhos antigos da *Matta da Corujeira*, Christino encontrou um bando de ciganos, e logo agrupou os esfarrapados bohemios em róda d'uma fogueira vivaz, d'onde o fumo empardecido sóbe em meadas obliquas e leves, na quentura do ar calmo. Com apparencias truculentas de bruxas, que remexessem na solidão propicia d'um canto de floresta a panella dos sortilegios, as ladras femeas desgrenhadas tratam da comezaina, emquanto os homens, estirados em desalinho, dormitam á sombra das grandes arvores enramadas, toldadas de folhagem; e este incidente vulgar da vida dos vagabundos, que se refugiam e espairecem a monte pelos ultimos sertões da Europa, exilados de todas as patrias e perseguidos por todos os povos, serve para illustrar a proposito, com a nota d'uma selvageria corrente, um trecho de paizagem extremenha. A parte anterior da téla, com as figurinhas postas á vontade, e o segundo plano alegrado de sol, são cuidadosamente estudados; minguam, porém, a consistencia e o relêvo nos enormes troncos cascudos e nas pernadas descobertas, que se contorcem d'alto como parafusos e garras descommunaes. Por mim, prefiro inteiramente o quadrinho representando um córte das *Ruinas do Castello de Leiria*, em cuja execução espontanea e detalhada se percebe uma adoração do artista pelo vetusto modêlo de pedra, que o impressionou, transpira alguma cousa d'um fervôr amoroso d'antiquario, captivado pela preciosidade d'aquella reliquia desmantelada d'um monumento medieval. As seculares muralhas de granito, ennegrecidas pelo bafo do tempo, e com os musgos crescidos das parietarias entalados pelas frinchas, sustentam o prumo a sua massa torva, n'esse abandono entristecido, que pouco a pouco vae restituindo á natureza os velhos edificios deshabitados; é a hora em que as ruinas vibram imperceptivelmente, n'uma revivescencia fantasmatica, estremecendo e transfigurando-se de relance na paz silenciosa da tarde, sob as polvilhadas labaredas do poente; para além, encurva-se o ceu allumiado pelo astro agonisante; e uma restia de luz, saudosa e tenue, doura um angulo da janella ogivada.

Os pintores permittem-se ás vezes uns assomos pruridosos d'extravagancia, na confecção dos titulos com que designam e etiquetam as suas obras, buscando completal-as com uma significação e um sentido, que nunca emanarão d'ellas proprias, embora superabundem nas legendas annexas, ou diligenciando unicamente deslumbrar-nos com os arranques da sua fantasia, garrula e chibante. Não chego a entender porque foi, por exemplo, que o Greno denominou *Antes do trabalho* um despretencioso estudo de mulher idosa, d'uma coloração delicada e sobria, e correctamente desenhado; e talvez não incorra n'um condemnavel abuso de commentario, emittindo a opinião conciliadora de que a bôa e anafada velhota poderia estar, da mesma fórma, sentada na sua cosinha, ao pé do aceiado candieiro de tres bicos, folheando com attenção um livréco de capa ensebada, — depois de terminadas as suas canceiras de zelosa dona de casa.

Uma téla, porém, resiste folgadamente aos reparos, quando não peque senão por um d'estes defeitos d'ordem secundaria, e alheia ao seu merecimento intrinseco; em peor caso se encontra, por isso, o outro quadrito exposto pelo Greno, e que entra, com a sua mulherinha aleijada, avançando tropegamente no *Caminho da fonte*, de cantaro á cabeça, na cathegoria desastrosa do mono, ou, para me utilisar da chocarreira linguagem usada nos *ateliers*, pertence á classe grotesca do mamarracho. Ramos de rosas reaes, de coração ensanguentado, e de margaridas estrelladas, de maravilhas e amôres perfeitos, de papoilas escorrentes de viço, e d'alvas flôres colhidas das arvores em dias de primavera; misturadamente com mancheias de frescos morangos appetitosos, de camarões nacarados, de romãs abertas e recheiadas de gomiculos humidos, e com fulvas laranjas e cachos d'uvas côr d'ambar, — eis, n'uma enumeração rapida, as miudas, perfumosas, pittorescas, e saborosas cousas, que a Sr.ª D. Josefa Greno amontoa e traduz habilmente nas suas telas, d'uma franca factura, em que se desgarra apenas algum toque desengraçado e pesado, exaggerando a intensidade do claro-escuro. Nas paizagens pintadas por esta senhora, falta a valorisação dos tons, que se confundem a eito, no sujo empastamento das tintas; e os planos simplificam-se, pégam-se monotonamente, desajudados pela escassez de perspectiva aerea. Tambem os seus pequenos estudos de figura não se furtam á condição d'esboços pêcos; mas o avelludado pastel dos *Malvaiscos*, desabrochados em definidas manchas brancas ou vermelhentas, acarminadas e roseas, gaba-se d'uma aprimorada execução, lapisada com ligeireza.

O sr. Salgado transportou a nossa luz peninsular para uma paizagem da Bretanha e para a principal rua da villoria franceza de *Malestroit*, — e andou mal, porque d'esse modo imprimiu uma notação falsa nos dois estudos, tocados com uma certa liberdade desempennada e brilhante. A guapa rapariga que se indicia como *Ceifeira de milho preto*, postada adiante das folhagens arruivadas da ceara, esqueceu-se eternamente a pousar, absorta e parada, levantando o aço alfangico da sua fouce n'um movimento inutil; emquanto que a trabalhadeira escusa, que se debruça ao fundo, apanhando as cannas cortadas, força-nos a uma tensiva acuidade d'analyse para desembrulharmos o seu corpo molle do borrão em que braceja, e não cahirmos levianamente, em trocal-a por uma grande cebola pôdre, prestes a ser absorvida pela terra.

Comparavel aos peregrinos escanzellados e barbudos, nomades tresvariados pelas chimeras das religiões, que atravessavam os povoados e os desertos sempre possuidos pelas visões da sua crença, o sr. Teixeira Bastos parece destinado a ficar, para todos os dias e os annos da sua vida, assombrado e attrahido pelo fascinador quadro do *Lanterneiro*, que Antonio Ramalho teve a fortuna de produzir. Ainda o agradavel assumpto do *Caldeireiro* é suggestionado por uma reminiscencia confessa d'aquella obra de folego e de pulso, d'aquella obra d'exame, victoriosa. Sentado d'esguelha, ao meio da sua officina atravancada de pucaros, certãs, e pratos metallicos, um velho operario martela um tacho d'estanho, encostado ao seu joelho; e um alambique sobranceiro, semelhante a uma fantastica ave de rapina, de bojo papudo e forte pescoço inchado, espeta por cima da cabeça d'elle o comprido bico escarlate. Na sua maneira acanhada e aspera, o sr. Bastos revela uma applicação pertinaz, e bem succedida por momentos, n'uma ou n'outra indicação de desenho, ou em lanços intuitivos de colorido, quando emprehende alguma composição de genero ou se exercita em themas de figura pachorrentos; porém os ingratos estudos de paizagem, que se compraz em talhar nas alleas de jardins descôrados, em quintalorios lisboetas onde as arvores vegetam a medo, dir-se-iam reducções de scenographias timidas, repintadas em tonalidades cruas, e em que se apartam sómente detalhes curiosos, um vaso alto ou uma barrica salpicada de cal, um cacto desflorido, uma nesga de cidade. Por sua vez, José Queiroz vae luctando com as difficuldades technicas da longa aprendizagem da pintura, n'um labor geitoso e já premiado d'exito. Na *Parreira do Estoril*, toda brincada de laivos chispantes de sol e enxadrezada de sombras, e n'uma marinha acinzentada,

adormecida n'uma calmaria lisa de verão, comprova decerto que sabe observar a côr, comquanto execute deficientemente, por ora; todavia, a telasinha em que uma *Rua de Cascaes*, declivosa e banal, se enflora lá ao fim com o leque circular d'uma palmeira, que lhe dá o aproximado aspecto d'uma viella de donair mourisco, distingue-se pelo acerto da entonação geral; e no seu mais completo estudo, *Utensilios de cosinha*, com uma panella de lata areada, tijellas, uma caneca de louça, a reluzirem n'um concertado jogo de reflexos, accentua-se e realça um fino tacto de pincelada.

Manuel H. Pinto enviou tres paizagens enfadonhas, d'uma execução por demais simploria; sobretudo, a chata fatia da *Ribeira de Niza* parece arripiada com uma escova d'arame, na crespa uniformidade da sua verdura montezinha. E o Gyrão, além de dois gallinhos luxuosamente emplumados e d'uma cabeça de gato, feitos de côr, sem duvida, apresentou um quadro humoristico, contendo meia duzia de bichanos felpudos, que arregalam para o mundo os olhos apparentemente debruados com aros de monoculos, como desilludidos philosophos resmoneantes, ou se entremiram com geitos desconfiados, dentro d'uma moldura branqueada a alvaiade, onde trepa um enroscado tufo de heras.

A este salão concorreu ainda, com um medalhão magistral, o desventurado Soares dos Reis, o vehemente, poderoso, e original artista, que um aborrecimento negro da existencia atirou para a putrefacção d'um cemiterio, brutamente. Era o perfil de Leandro Braga, caracterisado com uma verdade portentosa, apalpado cariciosamente pelo pollegar na voluptuosidade d'uma creação feliz; e n'essa pequenina obra prima, suprema recordação d'amizade, de camaradagem affectiva, expressou Soares dos Reis o reconhecimento do seu espirito para com o companheiro dedicado, que, durante a sua ultima estada em Lisboa, conseguiu allivial-o e quasi saral-o — passageiramente, por desgraça! — dos alvoroiados rebates da enfermidade intima, cuja recrudescente percussão nervosa precipitou depois o glorioso e triste estatuario na pacificação tragica da morte.

A senhora duqueza de Palmella preenche nobremente os seus ocios aristocraticos com as occupações d'um raro dilectantismo d'arte, que lhe tem valido uma voga d'esculptora eminente, proporcionada com a sua elevada situação social. Mas o marmore, materia indocil, não se prestou a que a illustre amadora transfundisse o intentado sentimento d'uncção e d'amor divino no busto de *Santa Thereza*, que permanece n'uma attitude inlanguida, dos furos dos olhos virados para as alturas celestiaes, com uma cara d'abbade magro chupada pelos extasis da sensualidade mystica, os hombros encolhidos, na perpetua rigidez d'um termo catholico; e apenas permittiu á sua mão primacial que o cinzelasse limpidamente, consummando na severidade da feitura uma vaga intuspecção piedosa. Magnificos, modelados com uma segura e triumphadora facilidade, são os dois trabalhos expostos pelo sr. Teixeira Lopes, — o retrato vivente d'um moço bom homem que se ri, de bigode arrebitado, muito satisfeito, acaso, comsigo e com o seu brazão armoriado na peanha do busto, fundido em bronze; e uma encantadora cabeça de creança, sahida de tranças pendentes, com um laçarote nos cabellos, da malleabilidade do marmore rendido e vivificado, um *Botão de Rosa* tenro, pequeno sêr que viceja em plena graça auroreada.

Monteiro Ramalho.

ANTONIO MARIA CARDOZO

Antonio Maria Cardozo é um rapaz fransino, — menos rapaz mas talvez mais fransino do que o seu digno homonymo, o Cardozo da outra jornada do Nyassa, — e fez já uma bella expedição, bella para nós, é claro, pelos sertões a dentro, ás então chamadas «terras do Musilla.» Fel-a em companhia d'outro amigo meu, — como estamos velhos todos! — um rapaz da Madeira, hoje medico no Brasil, meu companheiro nos latins do lyceu, o Dr. Franco. As interessantes narrativas d'essa expedição, perdidas no *Boletim da Provincia*, como tantas outras, foi ha cousa de um anno reeditada no da *Sociedade de Geographia*. Mas não se cifra n'isto a vida de explorador africano de Antonio Cardozo. Governador de um dos districtos de Moçambique, onde deixou um excellente nome, teve de sustentar uma d'aquellas campanhas sertanejas tão ingratas e difficeis, em que a sua intrepidez fleugmatica deixou traços indeleveis na memoria dos indigenes, formando-lhe mesmo uma especie de lenda.

Quem o conhece superficialmente, apenas, mal póde advinhar o fundo de bom senso pratico, de firmeza varonil, de inquebrantavel coragem que ha naquella figura quasi pueril, delicada, affavel, perfeitamente refratario á exhibição e á *pose*, escoando-se e perdendo-se imperceptivelmente na multidão, expandindo-se alegremente na palestra em observações faiscantes, em ditos brincalhões que lhe valeram entre os collegas o alcunha de «Cardosinho *das Pilherias*».

São feitos de aço estes rapazes franzinos, de olhar largo e penetrante, fleugmaticos, apparentemente desinteressados das grandes bulhas e tempestades que se enovelam e estrondeam em volta d'elles, parecendo levar a vida um pouco de brincadeira como uma semsaboria que não tem melhor remedio do que os desenfados e alegrias de uma obscuridade aceada e quieta.

Tem-se passado annos sem eu ver Cardoso, e passados elles encontrando-nos casualmente na rua, damos as mãos e começamos a conversar, sem alvoroços, tranquillamente, como se nos separassemos na vespera.

Creio que nos tem acontecido retomar-mos o fio d'um cavaco interrompido muitos mezes antes.

Agora, por exemplo, tem elle palestrado comigo lá do fundo da Africa ou das margens do Nyassa, como se nos encontrassemos na rua do Ouro. Apresentou-me o seu amigo, — o nosso amigo Cuirassia, — que todos conhecemos já *de S. Carlos*,... da conferencia do outro Cardoso, e na ultima carta que recebi despedia-se pouco mais ou menos assim: — «Boas noites, vou ver se me deixam dormir um pouco, e se não acordar na eternidade o que não é nada extraordinario por aqui, terei por estes dias concluido o que vocês desejavam, e o Governo que diga o que mais ordena».

Ora é de saber, e até não é por ora necessario saber mais cousa alguma, que a missão que levou Cardoso ao Nyassa é das mais asperas, e que as condições em que teve de cumpril-a foram das mais difficeis e delicadas que se têem imposto a um explorador africano. A expedição soffreu na sua organisação contrariedades de todo o genero, organisou-se ainda assim rapidamente, com a cooperação d'um intelligente e patriotico sertanejo, o sr. Romão de Jesus Maria, e partiu na peior época, de Quilimane para o norte. O caminho ordinario, relativamente facil e de ha muito conhecido, — conhecido até de ha seculos posto que os inglezes digam que o descobriu Levingstone! — é o Zambese e o Chiri, como sabem todos. É o caminho do commercio regular e dos missionarios protestantes.

Mas a expedição tinha de seguir e seguiu por outro. Perdeu um quinto do seu pessoal em pouco mais de um mez, e foi encontrar a região sul do Nyassa n'uma effervescencia grave alimentada pelas intrigas dos missionarios e agentes inglezes, pelo odio que estes *humanitarios* tem sugerido a tudo o que pareça inglez, entre os indigenas, e pelas correrias do novo Macanjira, um potentado insolente, naturalmente açulado pelos escravistas arabes. O bom senso, a fleugmatica firmeza de Cardoso, a prestigiosa influencia do nome e da bandeira portugueza, — que em mãos como a d'elle está sempre segura, — triumpharam de todas as contrariedades, e a organisação da nossa soberania politica — da unica soberania culta que de facto e de direito pode pacificamente exercer-se ali para honra da civilisação christan e em proveito do commercio licito, está realmente iniciada no Nyassa, como ha tanto se pedia e como de ha tanto devera ter-se feito.

Se o intelligente director do OCCIDENTE, — desta bella revista sempre tão prompta em prestar homenagem aos nossos intrepidos exploradores, — desejava uma biographia de Cardoso, errou a porta a que generosamente veio bater.

Onde nasceu o valente e talentoso moço?

Não sei.

Que idade tem? Ignoro.

Sei apenas como toda a gente que é um distinctissimo official de marinha e que o seu nome e os seus serviços honram a nobre corporação, digna depositaria das nossas glorias africanas.

Luciano Cordeiro

AS NOSSAS GRAVURAS

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

A NOVA CANHONEIRA ZAMBEZE

A canhoneira *Zambeze* que a nossa gravura reproduz sob um fiel desenho do sr. José Pardal, é o ultimo navio concluido no nosso arsenal de marinha.

Batida a cavilha d'este navio em 1886, foi concluido o anno passado.

E' de 950 toneladas com uma machina da força de 400 cavallos, a qual foi tambem construida no arsenal, sob a direcção do engenheiro sr. Antonio Maria Martins.

A canhonheira *Zambeze* tem tres boccas de fogo com a guarnição competente. Deu bom resultado nas experiencias que fez, e seguiu viagem para Africa a juntar-se á divisão naval da Africa Occidental.

OBRAS DO PORTO DE LISBOA

DEBARQUEMENT FLUTANT

Damos hoje reproduzido em gravura um dos apparelhos mais potentes que se empregam nas obras do porto de Lisboa, o *Debarquement flutant*, ou draga destinada á remoção das areias e lodos que devem fazer os aterros na margem do rio.

O *Debarquement flutant* está assente em duas barcaças collocadas parallelamente e sufficientemente afastadas uma da outra a modo de entre ellas poder entrar uma outra barcaça carregada de areia ou lodo.

Em uma das barcaças sobre que assenta o apparelho, está a machina motora que o põem em movimento, isto é, que faz elevar os alcatruzes *(godet)* que elevam a areia ou o lodo da barcaça carregada, e o vazam sobre a calha que o vae lançar no aterro. Para que este entulho não fique depositado sobre a calha, cuja inclinação não é grande, ha uma bomba que o impelle para o aterro. Esta bomba funcciona na outra barcaça sobre que assenta o apparelho *Debarquement flutant*.

Esta possante draga póde fazer diariamente tres mil metros cubicos de aterro, mas só faz mil e quinhentos metros porque as dragas que lhe fornecem as areias não dão mais que esta porção.

As dragas empregadas em lhes fornecer entulho, vão arrancar a areia ou o lodo ao fundo do rio, seis metros abaixo de zero.

Por este systema podem-se fazer aterros nas margens dos rios, indo buscar ao fundo dos proprios rios as areias com que se devem formar.

O *Debarquement flutant* é um apparelho que até aqui era ignorado no nosso paiz, e por isso entende-mos que seria de interesse o tornal-o conhecido, para o que o mandamos desenhar expressamente, e nos succorremos do sr. Bensaud, dignissimo engenheiro das obras do porto de Lisboa, que nos forneceu os esclarecimentos sobre este importante apparelho.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

INAUGURAÇÃO DO TUNNEL DO ROCIO

Se ha tres annos nos dissessem que haviamos de vir de Campolide ao Rocio, directamente, sem passar pelo largo do Rato, dar-nos-hiamos tratos á idéa sem saber como conseguil-o, a menos que não considerassemos vir *directamente* dar uma grande volta por S. Sebastião da Pedreira, ou pelas velhas portas d'Alcantara.

Pois o genio inventivo do sr. Marquez da Foz, a competencia provada dos nossos engenheiros os srs. Xavier Cordeiro e Vasconcellos Porto, e a actividade notavel do constructor francez, o sr. Bartissol, alliadas, em dois annos apenas, realisaram essa maravilha a cuja inauguração assistimos no dia 8 do corrente, cheios de enthusiasmo e de fumo de uns malvados fogos de bengala com que se pretendeu dar brilho á festa.

A concessão d'esta grande obra foi feita em 9 de abril de 1887, começando a prefuração em 23 de junho seguinte, pelas duas aberturas, e por 4 poços intermedios, sendo um no jardim da escola Polytechnica, um na rua de Rodrigo da Fonseca, um na travessa da Legoa da Povoa e o quarto na estrada da circumvalação.

A bocca de entrada é, como se sabe, junto da calçada da Gloria, formando um duplo tunnel na extensão de 27 metros, e seguindo depois em um só arco por debaixo da cidade, passando successivamente sob as ruas: calçada da Gloria, travessa do Falla Só, rua da Conceição, rua da Mãe d'Agua, rua Nova d'Alegria, rua do Salitre, rua Rodrigo da Fonseca, ao cimo da rua Rosa Araujo rua de S. Filippe Nery, becco da Lebre, travessa da Fabrica das Sedas, travessa da Legoa da Povoa, quartel de artilheria, estradas de Circumvalação e de Campolide.

Em 24 de maio do anno passado encontraram-

se as gallerias dos ultimos poços que restavam separados, e desde essa data ficou, portanto, estabelecida a communicação da grande Avenida subterranea.

O tunnel foi feito de empreitada pelo srs. Duparchy & Bartissol, que fizeram por administração a parte comprehendida entre a calçada da Gloria e a escola Polytechnica; a seguinte foi construida por sub-empreitada pelos srs. Papot e Blanchard, e os 1:500m restantes pelo sr. E. Beraud.

Pela companhia real fiscalisaram a construcção os srs. engenheiros Xavier Cordeiro, chefe do serviço respectivo, Vasconcellos Porto, adjunto, e B.Chubrion, chefe de secção.

Por parte dos constructores dirigiram as obras os srs. E. Tabary e E. Pitsch, director e adjunto, e o chefe de secção sr. Carlos Bartissol.

É aqui está como o pacata Lisboa se acha hoje com uma das mais notaveis obras da Peninsula, e um dos maiores attractivos para movimentar a sua população em successivas viajatas, e attrahir á capital os habitantes das provincias e talvez alguns do estrangeiro que queiram o nosso pequeno Saint Gothard urbano.

M. C.

O ESCARAVELHO DE OURO

CONTO DE EDGAR POE

(Continuado do n.º 391)

O cofre estava cheio até ás bordas, e levámos todo o dia e a maior parte da noite seguinte a inventariar o conteúdo.

Não havia ordem; achava-se tudo misturado, em grande confusão. Com todo o cuidado procedemos pois a uma classificação geral, e com prazer vimos que eramos possuidores de riquezas muito superiores ás que haviamos imaginado. Em especies havia mais de quatrocentos e cincoenta mil dollars, calculando o mais rigorosamente possivel o valor que as moedas tinham ao tempo. Prata, nem sombras; era tudo ouro antigo e muito variado: dinheiro francez, hespanhol, allemão, alguns guinéos inglezes, e umas especies de que nunca viramos nenhum exemplar. Havia muitas moedas grandes e pesadas, mas estavam tão gastas que não podemos decifrar as inscripções. Moeda americana, nenhuma.

Tivemos grande difficuldade em calcular o valor das joias. Cento e dez diamantes contámos, alguns d'elles muito grandes e bellissimos, e nenhum era pequeno; dezoito rubis de brilho realmente notavel; trezentas e dez esmeraldas, lindissimas todas ellas; vinte e uma saphiras e uma opala. Todas estas pedras haviam sido tiradas das suas guarnições e postas no cofre a granel. As guarnições que extremámos do outro ouro, pareciam ter sido em tempo amachucadas a martello, como para não poderem ser reconhecidas.

Alem d'isto havia uma quantidade enorme de objectos de ouro massiço: cerca de duzen-

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO NYASSA

O CAPITÃO-TENENTE ANTONIO MARIA CARDOZO

(Segundo uma photographia)

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — A NOVA CANHONEIRA ZAMBEZE

(Desenho por José Pardal)

tos anneis e brincos; cadeias magnificas — umas trinta, se bem me lembra; oitenta e tres crucifixos muito grandes e pesados; cinco thuribulos de grande valor; uma poncheira enorme, ricamente ornada de parras e bacchanaes; os copos de duas espadas admiravelmente trabalhados e muitos outros artigos mais pequenos de que me não posso lembrar.

O peso de todos estes valores subia a mais de trezentas e cincoenta libras: n'esta avaliação não entram cento e noventa e sete relogios de ouro soberbos, tres dos quaes não mereciam menos de quinhentos dollars cada um. Muitos d'elles estavam velhissimos e nenhum valor tinham como peças de relojoaria, pelo pessimo estado do machinismo; mas em todos havia grande numero de pedras preciosas e as caixas eram de grande preço.

N'aquella noite avaliámos a totalidade do que se continha no cofre em cem milhões e meio de dollars; quando porém, decorrido algum tempo, dispozemos das joias e pedrarias (conservando algumas para nosso uso) vimos que tinhamos andado muito por baixo na avaliação do thesouro.

Terminado emfim o inventario e acalmada em parte a nossa grande exaltação, Legrand, que me via morrer de impaciencia por possuir a chave de tão extraordinario enigma, começou a inteirar-me com todos os pormenores.

«Lembra-se, disse elle, da noite em que lhe mostrei o grosseiro desenho que fiz do escaravelho. Ha de tambem recordar-se que não me causou pouca extranheza a sua insistencia em sustentar que o desenho se assimilhava a uma caveira. Da primeira vez que lhe ouvi isto, julguei que caçoava. Depois vieram-me á memoria as malhas particulares que o insecto tinha no dorso, e reconheci que havia em summa algum fundamento na sua observação. A sua ironia comtudo a respeito das minhas faculdades graphicas irritava-me, porque sou tido na conta de bom artista; de sorte que quando me restituiu o pergaminho por um triz que não o amarroto e o atiro ao fogo.

«Refere-se ao pedaço de papel, disse eu.

«Tinha toda a apparencia de papel, com effeito, e a principio tomei-o como tal; mas quando comecei a desenhar n'elle, vi logo que era um pedaço de pergaminho muito fino. Recorda-se que estava muito sujo. No momento em que eu ia a queimal-o, reparei no desenho que observou, e não imagina o meu assombro quando vi a imagem clarissima de uma caveira no mesmo sitio em que eu julgara desenhar um escaravelho. Por momentos não dei por onde me andava a razão. Tinha a certeza de que o meu esboço nas particularidades differia completamente do novo desenho, embora houvesse uma tal ou qual analogia no contorno geral. Peguei então n'uma vela, e indo sentar-me ao fim do quarto, tratei de analysar o pergaminho com mais attenção. Depois de lhe dar varias voltas, achei emfim no reverso o meu desenho, tal qual eu o fizera. A primeira impressão que senti, foi de completa surpreza: havia realmente uma grande analogia no contorno, e era uma coincidencia singular o facto da figura de um craneo, para mim desconhecida, occupando o outro lado do pergaminho immediatamente debaixo do meu desenho do *scarabaeus*, e um craneo a elle tão semelhante, tanto no contorno como nas dimensões. Asseguro-lhe que a singularidade d'esta coincidencia causou-me por instantes verdadeiro assombro. Este é o effeito ordinario de semelhantes coincidencias. O espirito esforça-se por estabelecer uma ordem, uma relação de causa e effeito, e achando-se impotente para resolvel-a, soffre uma especie de paralysia momentanea. Mas quando sahi d'este estado, senti brotar gradualmente em mim uma convicção que me assombrou ainda mais do que aquella coincidencia. Comecei a recordar-me distinctamente, positivamente, de que não havia no pergaminho nenhuma figura quando tracei o escaravelho. Adquiri perfeita certeza d'isso; porque me lembro de o ter voltado e tornado a voltar procurando o sitio mais conveniente. Se a caveira estivesse visivel, infallivelmente teria dado por ella. Havia ali portanto um mysterio que eu não podia penetrar; mas desde aquelle momento, pareceu-me ver prematuramente despontar uma fraca claridade nas regiões mais profundas e secretas da minha intelligencia; uma especie de pyrilampo intellectual, uma concepção embryonaria da verdade, do que a nossa aventura nocturna nos deu tão explendida demonstração. Levantei-me resoluto, e limpando cuidadosamente o pergaminho, deixei toda e qualquer reflexão ulterior para quando estivesse só.

«Logo que o meu amigo se retirou, e que Jupiter cahiu em profundo somno, dei-me a investigar o assumpto mais methodicamente. Em primeiro logar pensei no modo como viera parar-me ás mãos o pergaminho. O logar onde descobrimos o *scarabaeus* era na costa firme, cerca de uma milha a leste da ilha. Quando o apanhei, deu-me uma formidavel mordidela, e eu larguei-o. Jupiter, com a sua costumada prudencia, antes de deitar a mão ao insecto, que voara para junto d'elle, procurou á roda de si uma folha ou cousa parecida com que lhe podesse pegar. N'este momento démos ambos com os olhos no pedaço de pergaminho, que eu tomei então por papel. Estava meio enterrado na areia com uma ponta de fóra.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

INAUGURAÇÃO DO TUNNEL DO ROCIO, EM 8 DO CORRENTE

(Desenho por L. Freire)

Perto do sitio onde o achámos, vi restos do casco de um grande escaler, ao que me pareceu. O naufragio devia contar muitos annos, porque difficilmente se distinguia a forma dos costados do barco.

«Jupiter apanhou o pergaminho, envolveu n'elle o insecto e deu-m'o. Pouco depois voltámos para casa, e no caminho encontrámos o tenente G... Mostrando-lhe o insecto, pediu-me que o deixasse levar para o forte. Accedi, e elle metteu-o na algibeira do collete, sem o pergaminho em que fôra embrulhado, e que eu conservei na mão emquanto durou o exame. Receou talvez que eu mudasse de opinião, e julgou mais acertado segurar a preza: sabe quanto elle é enthusiasta por tudo que respeita á historia natural. Despedimo-nos, e eu inconscientemente metti o pergaminho no bolso.

«Lembra-se de que quando me sentei á meza para fazer um esboço do escaravelho, não achei papel no sitio onde costumo guardal-o. Procurei nas algibeiras, esperando encontrar alguma carta antiga, e a mão roçou pelo pergaminho. Sou minucioso em descrever o modo como me achei de posse d'elle; porque todas estas circumstancias me impressionaram fortemente.

«Com certeza me toma por visionario, mas eu já havia estabelecido uma especie de *connecção*. Reunira dois elos de uma grande cadeia: um barco perdido na costa, e não longe d'esse um pergaminho, *não de papel*, com um craneo desenhado. Perguntar-me-ha naturalmente, onde existe essa connexão? Responder-lhe-hei, que o craneo ou a caveira é o muito conhecido emblema dos piratas, que em todas as suas empresas içavam sempre o pavilhão da caveira.

«Disse-lhe que a tira era de pergaminho e não de papel. O pergaminho é duravel quasi imperecivel. Raramente se confiam ao pergaminho documentos pouco importantes, porque se não presta tanto como o papel á escripta e ao desenho. Esta reflexão levou-me a pensar que devia haver na caveira algum sentido, alguma significação. E convenci-me d'isso ao observar a *forma* do pergaminho. Apesar de ter um dos cantos roido, por algum accidente, via-se que a forma primitiva era oblonga. Não havia pois duvida que estava alli uma d'essas tiras que se escolhem para servirem de memorandum, de registo de alguma cousa que por muito tempo deve ser guardada cuidadosamente.

«Mas, interrompi eu, não disse que o craneo não estava no pergaminho quando n'elle esboçou o escaravelho? Como pode então estabelecer qualquer relação entre o barco e o craneo, uma vez que este ultimo, como o meu amigo mesmo confessa foi desenhado (Deus sabe como ou por quem) posteriormente ao *scarabaeus*?

«N'isso é que está todo o mysterio; respondeu Legrand; se bem que comparativamente, não me foi muito difficil dar com o segredo. Os meus passos foram seguros, e em breve cheguei aonde queria. Fiz o seguinte raciocinio: quando tracei o *scarabaeus*, não havia sombra de craneo no pergaminho, e quando conclui o desenho dei-lh'o para a mão, e não tirei os olhos d'elle emquanto m'o não restituiu. Por consequencia não foi o *meu amigo* quem desenhou o craneo, nem aqui havia outra pessoa que o pudesse fazer. Não entrou pois n'isto a mão do homem. E comtudo elle estava alli.

«N'este ponto das minhas reflexões, diligenciei recordar, e com toda a clareza o consegui, os diversos incidentes que occorreram n'esse intervallo. Fazia frio, (rara e feliz casualidade!), e crepitava o fogo na chaminé. Eu estava quente pelo exercicio que fizera e sentei-me ao pé da mesa, e o meu amigo levou a sua cadeira para junto do lar. Ora no momento justamente em que lhe passei o pergaminho e que o meu amigo ia para o examinar, entrou Wolf, o Terra-Nova, e saltou-lhe ás costas. Emquanto o acariciava e diligenciava affastal-o com a mão esquerda, deixou cahir descuidadosamente a direita que segurava o pergaminho, entre os joelhos, e muito perto do fogo. Houve um momento em que julguei que a chamma o alcansasse, e ia para lh'o advertir, quando o meu amigo retirou a mão e começou a ver o esboço.

Quando attentei em todos estes particulares, nem mais um momento duvidei de que fora o *calor* o agente que fizera apparecer no pergaminho o craneo que eu n'elle via desenhado. Sabe perfeitamente que em todos os tempos houve preparações chimicas com as quaes se podem traçar no papel ou pergaminho caracteres que só se tornam visiveis quando se submettem á acção do fogo. Usa-se ás vezes da safra macerada em agua regia e diluida em quatro vezes o seu peso de agua, e que dá uma tinta verde. O regulo de cobalto, dissolvida em espirito de nitro, dá o encarnado. Estas cores somem-se á medida que esfria a substancia em que se escreve, mas reapparecem quando se lhes applica de novo o calor.

«Examinei então a caveira com todo o cuidado. As linhas exteriores — as mais proximas da margem do pergaminho — estavam muito mais *distinctas* do que as outras. Era claro que a acção do calorico fora imperfeita ou desegual. Acendi immediatamente uma vela e fui submettendo por partes o pergaminho á acção de um calor forte.

Isto a principio só teve por effeito reforçar as linhas um pouco sumidas do craneo; mas, continuando a experiencia, appareceu no canto da tira, diagonalmente opposto aquelle em que estava delineada a caveira, uma figura que eu primeiro suppuz ser de uma cabra; mas com um exame mais attento convenci-me de que quizeram representar um cabrito.

«Ha! ha! nenhuma razão tenho de certo para me rir do meu amigo, disse eu; um milhão e meio de dollars é cousa muito seria, não admitte galhofa; mas não junte um terceiro elo á cadeia; nenhuma relação especial poderá achar entre os seus piratas e uma cabra; como muito bem sabe, os piratas nada têem com as cabras; isso é lá para os cabreiros.

«Mas eu disse-lhe que a figura não era de uma cabra.

«Seja embora de um cabrito: é quasi a mesma cousa.

«Quasi, mas não o mesmo, disse Legrand.

Ha de ter ouvido falar de um certo *Capitão* Kidd. Eu vi logo na figura do animal uma especie de firma logographica ou hieroglyphica. Digo firma, porque a sua posição no pergaminho suggeria esta idéa. A caveira, desenhada no canto diagonalmente opposto, essa parecia ser como um timbre ou chancella. Mas fiquei em extremo desanimado pela falta do mais, da parte principal do meu sonhado documento, do texto do meu contexto.

«Presumo, disse eu, que esperava encontrar uma carta entre o timbre e a assignatura.

«Pouco mais ou menos isso. O facto é que me sentia irresistivelmente impressionado com o presentimento de uma immensa fortuna imminente. O porque mal lh'o posso dizer. Provavelmente isto era mais um desejo que uma crença positiva; mas quer acreditar que as palavras ocas de Jupiter — o escaravelho é de ouro massiço — influiram poderosamente na minha imaginação?

E depois a serie de accidentes e coincidencias — uma cousa *verdadeiramente* extraordinaria. Notou já como, por um simples acaso, succederam todas estas cousas no *unico* dia do anno em que fez, ou pôde fazer, frio bastante para que se necessitasse do fogo, sem o qual, ou sem a intervenção do cão que appareceu no momento preciso, eu nunca teria dado pela caveira, nem estaria agora de posse do thesouro!

(Continúa) *Francisco de Almeida.*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XII

Estava fatigado, tinha muito somno e apesar do chão não ser muito macio adormeceu depressa.

Quando porém mal pegára no somno, um berreiro enorme de creanças a chorar veio accordal-o bruscamente.

Eram os filhos do dono da casa que não adormeciam nem á mão de Deus Padre, nem ao collo do pae major, rabujentos por terem sido accordados no melhor do seu somno pelas argoladas do Quim e pelo batuque do major Rodrigues no tecto, a ver se a Emilinhas estava lá em cima.

E o Quim apesar de lhe cortarem o somno não se zangou; comprehendeu a profunda verdade d'aquella maxima do christianismo, que n'esse momento se exemplificava n'aquelle modesto 1.º andar da rua das Olarias «não faças a outrem aquillo que não queres que te façam a ti.»

Elle tinha quebrado o somno dos pequenos do major, os pequenos do major quebravam-lhe agora o seu somno: em justo: era a Pena de Talião, quem com ferro mata com ferro morre.

E resignado o Quim abriu os olhos e esperou que o temporal passasse.

Esperou um bom bocado porque os pequenos estavam renitentes no somno, mas por fim, — tudo acaba n'este mundo até as birras dos pequenos do major Rodrigues! — a berraria foi diminuindo, a voz trovejante do major cantando cantigas para os adormecer começou a dominar o chôro e dentro em pouco só se ouvia a intervallos, que de momento a momento, se iam alongando, uns soluços muito quebrados, acompanhados ainda de um resingar de chôro que está a acabar.

O Quim começou tambem a fechar os olhos invadidos por doce somnolencia, mas um cheiro terrivel, penetrante veio cortar-lhe outra vez essa solemnencia doce.

O candieiro de petroleo, que ardia sobre a meza, não estava preparado para aquella noitada, o petroleo já mal chegava á torcida e a luz ia-se embora, dizendo adeus com o perfume muito pouco agradavel com que as luzes de petroleo fazem sempre as suas despedidas.

D'esta vez o Quim irritou-se; ficar agora alli ás escuras não era muito agradavel, e demais com aquelle mau cheiro.

Entretanto não teve coragem de tornar a accordar a familia, que parecia finalmente pegada no somno, para vir deitar-lhe petroline no candieiro; ergueu-se muito aburrecido, apagou de todo a luz que era o que tinha de melhor a fazer para não ficar mais fumo na casa, e para sahir o que lá estava, que era suffocante, abriu de par em par a janella.

Era madrugada.

Os candieiros já se tinham apagado na rua, mas as estrellas ainda se não tinham apagado no ceu, e lá para as bandas do nascente começava a branquear um pouco o horisonte.

Quim esteve um bocado encostado ao parapeito a contemplar a noite mergulhado nas meditações da sua acidentada vida, mas arrancou-o a essas cogitações uma voz forte, vibrante que do meio da rua, gritava feroz:

— Seu malcreado, seu bisbilhoteiro, venha cá a baixo que eu o ensino a espreitar a visinhança!

O Quim ficou muito surprehendido sem saber se aquellas palavras seriam com elle ou não, e debruçou-se da janella a ver se na escuridão da rua destinguia d'onde vinha essa voz, e a quem pertencia.

E ao mesmo tempo que ouvia a voz ouviu o ruido d'uma janella que se fechava violentamente.

A voz vinha d'um vulto alto, de chapeu desabado e capa á hespanhola, que estava debaixo da janella que acabava de se fechar voltado para a janella onde elle Quim estava, o que indicava que era a elle que se dirigia.

E a voz continuou:

— Seu bregeiro, seu pulha, quanto lhe paga o marido para nos espionar! Deixa estar que eu te darei a paga, major das duzias!

O Quim por estas palavras percebeu tudo o que se passava com uma lucidez que não estava muito nos seus habitos intellectuaes.

Aquelle homem que elle não conhecia e que lhe fallara tomando-o pelo major Rodrigues era evidentemente um namorado que imaginava que o major o estava espreitando.

A janella que se fechára com tanto medo era decerto a janella da namorada d'esse cavalheiro, mulher casada, — como se deprehendia d'aquella phrase «quanto lhe paga o marido» — que vendo abrir-se a janella da casa do major e assumar a ella um vulto, fugio assustada.

Naturalmente o marido era conhecido ou amigo do major, e por isso a mulher fugia assim e o namorado, o homem da capa á hespanhola derigia aquellas insolencias ao major, imaginando-o espião do esposo da sua bella.

Percebendo tudo isto o Quim percebeu ao mesmo tempo que de tudo aquillo podiam vir complicações desagradaveis, tanto mais desagradaveis que o homem da capa que fallava assim tão brutalmente tão ameaçadoramente, a um homem tão bruto como era o major Rodrigues, devia por força ser ainda muito mais bruto do que elle, uma fera, um Hercules, um mata mouros.

E para evitar mais scenas, para pôr ponto final no equivoco, o Quim tratou immediatamente de se ir safando para dentro, emquanto o namorado espadachim continuava, lá na rua, espectorando injurias, rugindo ameaças.

— Eu já o tinha prevenido, seu biltre, gritava o embuçado, que se o tornasse a apanhar á janella a estas horas, a espreitar as vidas alheias comigo se havia de ver. E hade. Olá se hade. Heide-lhe tirar um olho para perder o sestro de espreitar! Ah! foges, cobarde...

O Quim estava muito embaçado com aquillo tudo: o major estava a ser insultado na pessoa d'elle Quim, e fazia um triste papel retirando-se da janella, mas o que havia elle de fazer? Contar a sua historia da janella abaixo áquelle desconhecido? Ir accordar o major para lhe dizer que fosse desafrontar-se d'aquelle homem que o estava a insultar por sua causa? Nada. Qualquer d'esses expedientes era muito tolo, e o melhor que tinha

a fazer era fechar a janella sem dizer agua vae, não dar cavaco a ninguem sobre o que se passára e deixar correr o marfim.

E foi o que fez: mas no tempo que fechava a janella ouviu lá dentro de casa, dois enormes espirros e a voz da esposa do major gritar fula:

— O' Conceição! Conceição! você deixou alguma janella aberta! Vem aqui muito ar e já estou constipada. Veja lá Conceição!

Aterrado com mais essa desgraça que occasionara n'essa maldita noite, constipar a mulher do major, o Quim pé ante pé, muito devagarinho sem fazer bulha nenhuma, fechou a janella e deitou-se muito quietinho, no meio do chão ás escuras.

A Conceição respondeu á senhora que não estava nenhuma janella aberta: a senhora insistiu em que estava por força porque ia lá muito vento; a criada tornou a dizer que não, a senhora tornou a dizer que sim, o major accordou e metteu tambem a sua colherada na questão, e ainda estavam n'este, dize tu direi eu, quando o Quim conseguiu adormeçer.

Mas não lhe valeu muito a pena conseguir isso, porque, d'ali a nada o seu somno tornava a ser interrompido.

Sentiu uma coisa a passear-lhe pela mão.

Sacudiu a mão e continuou a dormir.

Depois foi na cara que sentiu outro passeio.

Então acordou.

Estava tudo ás escuras.

Accendeu um phosphoro, olhou em torno de si e cheio de horror poz-se em pé n'um pulo.

O chão que quando elle se deitara era branco — não muito, é verdade, mas branco quanto o permittia a ausencia da escova e côco da familia do major — estava agora preto como azeviche.

Parecia que durante o seu somno tinham atapetado a casa; e realmente era uma verdadeira alcatifa que cobria o chão, uma alcatifa ondejante, e movediça, formada por milhares de baratas de todos os feitios e tamanhos, desde a barata pequenina, recemnascida, barata de mama, até a baratona velha e relha, barata respeitavel, barata avó.

E não era só no chão que as havia.

O seu fato estava todo coberto de baratas tambem, eram ellas que andavam passeando pelas suas mãos, pelos seus braços, pela sua cara, pelo seu pescoço, com a perfusão de publico na Avenida em dia de batalha de flores.

E o phosphoro apagou-se, e o Quim ficou de novo mergulhado nas trevas e nas baratas.

E então elle que era tão nojento e que nutria desde pequenino pela barata um odio tão entranhado e tão figadal que nem nos seus verdes annos lhe deixava encontrar encantos na historia da carochinha.

Cheio de terror, todo abalado por um estremecimento nervoso, abriu a janella.

Era o unico expediente que tinha a tomar, desde que o candieiro se apagara por falta de petroleo e que na saleta onde estava encarcerado não havia um coto de vela sequer.

Abriu a janella, não sem certo medo que ainda lá estivesse defronte o tal namorado da visinha casada.

Mas a providencia cançara-se allim de martyrisar o pobre Barradas; o dia vinha já rompendo a toda a força, as trevas da noite tinham-se ido embora, e o namorado da capa á hespanhola tinha ido com ellas.

Do peito do Quim sahiu um suspiro d'alivio e de consolação — o primeiro d'essa noite.

E encostou-se ao parapeito respirando o ar puro do amanhecer, e banhando a fronte encandecida pelos martyrios d'aquella noite terrivel, na luz suave da aurora, que punha no chão da saleta do major Rodrigues as baratas em debandada.

Entretanto os seus tormentos não tinham ainda findado de todo, e momentos depois de elle abrir a janella, ouvia-se lá dentro uma berraria infernal intercalada de ruidosos espirros.

Era a mulher do major que accordava constipada pelo ar matutino, que atravez das largas fendas das portas visitava a sua agasalhada alcova conjugal.

— O' Conceição! você abriu a janella, gritou ella iradamente.

A Conceição ao principio respondeu-lhe pelos roncos ruidosos do seu somno de alemtejana, mas a sr.ª do major tanto gritou, as suas *Conceições!* foram tomando uma tão forte sonoridade, que a creada accordou por fim, e entre as duas renovou-se o duetto da janella aberta e janella fechada, que momentos antes se gritára lá dentro com tão grave descontentamento e justificado temor do Quim.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

REVISTA POLITICA

Depois da interpelação do sr. Lopo Vaz feita ao governo a respeito do pagamento da divida dos tabacos, veio a interpelação, sobre o mesmo assumpto, do sr. Franco Castello Branco, menos paternal que a do sr. Lopo Vaz, pois levantou a questão dos cincoenta e dois por cento da tal divida que desappareceram sem se saber officialmente por onde.

O sr. presidente do conselho respondendo á letra da interpelação do sr. Lopo Vaz, defendeu a legalidade do pagamento, mas o sr. Marianno de Carvalho respondendo á interpelação do sr. Franco Castello Branco, não explicou o fim que tinham levado os taes cincoenta e dois por cento, ou a *outra metade* como picarescamente lhe chama a imprensa da opposição.

Discorreu largamente sobre os beneficios que a sua administração trouxe ao thesouro, e historiou as administrações precedentes, notando os erros e irregularidades praticadas pelos governos dos que hoje se sentam nas cadeiras da opposição. Em fim uma serie de recriminações, que não sabemos bem a que proposito vieram, tratando-se do pagamento em questão.

Se no parlamento se inaugura este systema de recriminações, podêmos affirmar que será a coisa mais curiosa das sessões de S. Bento, e nem um só telhado ficará inteiro, tão frageis são os dos que por lá armam as suas tendas. Uma *reprise da senhora Angout* em pleno parlamento.

Estamos, porem, convencidos que o systema não progride, porque não offerece vantagens a ninguem, e só póde concorrer para desmoralisar ainda mais a nossa politica caseira e comezinha, cujo ideal não ultrapaça as paredes abdominaes ou as arcadas do Terreiro do Paço, sobre que paira o paraizo ambicionado d'um logarsinho á mesa do orçamento.

O discurso do sr. Marianno de Carvalho estendeu-se por umas tres sessões do parlamento e terminou precisamente no final da sessão de segunda-feira santa, deixando todos muito contrictos como era proprio do tempo santo de penitencia e arrependimento.

Uma surpreza porém, estava reservada para o dia seguinte, em que o sr. Pinheiro Chagas devia responder ao sr. Marianno de Carvalho, uma surpreza que não provocou menos admiração que a carta do sr. Vicente Monteiro, pelo que se vê que a epoca parlamentar vae de surprezas exactamente como os espectaculos de prestidigitação.

A surpreza foi não haver sessão na terça feira por falta do numero para se constituir a assembléa. Os deputados da maioria foram todos confessarem-se n'aquelle dia, sob a influencia do discurso da vespera, e ficaram em casa a cumprir a penitencia que lhes deu o confessor, dizendo adeus por alguns dias ás questões mundanas.

Nada mais justo nem mais serafico, embora a malicia viesse intrometer-se no caso dizendo que fora *mot d'ordre* passado pelo governo aos seus deputados para não reunirem em S. Bento n'aquelle dia.

Mas nós parecenos que a confissão é que teve culpa do caso, porque afinal a mordassa posta ao sr. Pinheiro Chagas só servio para fazer reclame ao seu discurso, e para o illustre orador ter uma ovação á sahida do parlamento antes de ter pronunciado palavra.

Em virtude d'esta falta de sessão o parlamento ficou em ferias d'esde terça feira santa até á da semana seguinte, com o que o sr. Pinheiro Chagas sempre terá que principiar o seu discurso á terça feira, se alguma nova surpreza não vier ainda cortar-lhe a palavra.

Diz-se por ahi que se prepara *chinfrim* para esta sessão, mas isso não é certamente nenhuma surpreza, antes é a pratica seguida de ha muito no seio da representação nacional.

E emquanto se liquida a insoluvel questão dos quatrocentos e quarenta e nove contos, que o sr. Marianno de Carvalho alias declarou serem apenas quatrocentos e seis, o que faz prever-se á questão continua, o ver-mos ainda esta somma *reduzida* a zero — os negociantes de vinhos do Porto, voltam a clamar contra o novo contrato feito pelo governo com a Companhia Vinicula do Norte e protestam inergicamente contra as condicções d'esse contrato que lhe prejudica a liberdade do seu commercio.

O governo diz não se incommodar com esses protestos, e que sustentará o que está feito, e portanto lá vamos ter as torneiras outra vez fechadas, e não sabemos se mais alguma cousa, porque tambem corre fama de que o sr. presidente do conselho traz a dissolução do parlamento na algibeira.

Eis o *menu* de noticias politicas que temos a dar ao leitor, sem falarmos das minas de Moçambique que promettem tambem alguma surpreza desagradavel; do comicio popular que se reuniu nas terras da Torrinha sobre que diverjem as opiniões a respeito do numero de individuos que alli se juntaram a protestarem contra a marcha do governo, numero que tem variado entre 3:000 e 12:000; e da exposição de Paris, onde a politica de cá tambem já se metteu, não sabemos bem se para exhibir as suas interessantes prendas.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Exposição d'arte no Atheneu Commercial do Porto. — Conforme os annos anteriores, realisou-se no Porto uma exposição de quadros, nas salas do Atheneu Commercial, promovida pelo grupo de artistas portuguezes, que ha dois annos tem feito exposição dos seus trabalhos, no mez de abril.

Esta exposição abriu no dia 1 do corrente e encerrou-se no dia 15, tendo este anno durado menos tempo, mas nem por isso sendo menos satisfatorios os seus resultados praticos, pois venderam-se a maior parte das obras expostas incluindo um quadro historico, *Viva D. João IV*, pintado pelo sr. Costa Lima.

Sentimos este anno não nos podermos occupar especialmente d'esta exposição, falta motivada pela ausencia do nosso estimado amigo e correspondente litterario do Porto, que se acha em Paris temporariamente.

Outra Exposição d'Arte. — Abriu no dia 4 do corrente, no Palacio de Crystal do Porto, uma exposição de quadros, aguarellas e desenhos em que figuram trabalhos de artistas e amadores nacionaes e estrangeiros. Esta exposição, que se faz ha alguns annos, é promovida pelos srs. visconde da Trindade, Vieira da Cruz e Joaquim Marinho.

Figuram n'esta exposição obras de muito merecimento, distinguindo-se as aguarellas do sr. Ricardo Hogan, e Joaquim Marinho, um medalhão do sr. Antonio Molarinho com o retrato de Guerra Junqueiro e algumas telas de artistas estrangeiros etc.

Fallecimento. — Morreu repentinamente, no Porto, o jornalista e redactor litterario do *Commercio Portuguez* sr. Gaspar Borges de Avellar. O fallecido era um distincto ornamento da imprensa portuense, e fundou com Urbano Loureiro e Agostinho Albano o *Diario da Tarde* que se publicou ha annos no Porto.

Era presidente da *Associação de Jornalistas e Homens de Lettres* d'aquella cidade, assim como tambem presedia a commissão da imprensa portuense em favor das victimas do incendio do theatro Baquet.

Borges de Avellar falleceu no dia 11 do corrente e contava cerca de 45 annos de idade. Muito intelligente e activo nos seus trabalhos de jornalista e de professor que exercia com muita distincção.

A sua morte prematura foi muito sentida, especialmente no Porto, onde contava grande numero de amigos e admiradores. Á sua illustre familia enviamos os nossos pezames.

Eurico o presbytero. — Esta notavel obra de Alexandre Herculano foi traduzida para francez pela sr.ª condessa de Nogueiras. D'esta traducção foram offerecidos á Camara Municipal de Lisboa 18 exemplares, enviados pelo sr. dr. Eduardo d'Abreu.

O tenor Tamberlick. — Falleceu em Paris Henrique Tamberlick, que em differentes epocas cantou em Lisboa no theatro de S. Carlos, tendo feito as delicias dos *dilettantis* na primeira epoca em que veio, voltando depois, mas com menor enthusiasmo das plateas.

Tamberlick nasceu em Roma a 16 de março de 1820 e entrou pela primeira vez em scena em 1841 cantando os *Capuletos* no theatro de Napoles.

A sua carreira foi gloriosa e valeu-lhe uma boa fortuna, mas afinal veio a morrer pobre, pois arruinou os seus haveres em especulações infelizes em que se metteu.

Noel Manon. Falleceu o notavel agua-fortista Noel Manon, notavel sobre tudo por ser privado de mãos e apezar d'esta falta ter executado varias gravuras a agua-forte com excedivel perfeição.

Noel Manon morreu com 35 annos de idade.

Ponte gigantesca no Tejo. — Conforme em tempo annunciámos n'este mesmo logar, projecta-se fazer uma ponte sobre o Tejo que ligue a cidade de

Lisboa á margem opposta do rio, vulgarmente conhecida pela Outra Banda.

Ultimamente os srs. Bartissol e Seyrig apresentaram ao governo um projecto definitivo d'essa ponte, que será uma das maiores que se tem construido em todo o mundo.

Segundo o projecto dos srs. Bartissol e Seyrig, a ponte deve ser lançada da Rocha do Conde de Obidos ao castello de Almada, e ligar por meio de tunneis e viaductos com a estação central do Rocio por um lado, e com a estação do Barreiro pelo outro. D'esta fórma tanto os passageiros como as mercadorias poderiam seguir desde o Algarve até ao centro de Lisboa sem o mais pequeno incommodo de trasbordo.

A ponte propriamente sobre o Tejo deverá ter 8 grandes arcos, sendo 4 de 300 metros de bocca, 3 de 160 metros e 1 de 150. Os quatro arcos principaes de 300 metros devem ter de altura 45 metros nas marés altas e 49 nos baixa-marés. D'este modo darão passagem mesmo aos maiores navios.

Alem da via ferrea, a ponte terá uma via para carros e piões, tendo esta via 8 metros de largura ao centro e dois passeios lateraes de 1 metro e 50 cada um.

As estações entre Almada e Barreiro seriam na Cova da Piedade, Alfeite e Seixal.

A ponte deverá ser toda construida de aço e ferro Zorés; e os auctores do projecto, além da segurança da obra, attenderam tambem á parte esthetica, como se vê do perfil da ponte, que acompanha o folheto e

Este aerostato foi construido em Paris.

O motor do balão é electrico e o cone helice que lhe imprime o movimento está applicado ao balão, de modo que é este que arrasta a barquinha e não a barquinha que transmitte o movimento de translação ao aerostato, como até aqui se tem usado.

Esta disposição e o cone helice são inventos do sr. Jardim a quem desejamos o mais brilhante exito na experiencia a que vae proceder.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Elogio de Paulo Midosi *discurso lido na Associação dos Advogados de Lisboa em sessão de 18 de fevereiro de 1889* pelo socio João Jacintho Tavares de Medeiros. Lisboa 1889. São desaseis paginas de prosa em que a dôr do coração, que se revela n'essas paginas, não fez descurar o primor da phrase nem a elevação dos pensamentos, antes lhe deu toda a eloquencia da dor sentida pela perda de um amigo querido e de um homem de espirito superior. O sr. dr. Tavares de Medeiros, é o auctor da biographia de Paulo Midosi que o OCCIDENTE, ainda ha pouco, transcreveu em suas paginas, quando publicou o retrato do notavel jurisconsulto, por occasião da sua morte.

Lingua da Lunda *contendo narrações historicas dos diversos povos*, pelo major Henrique Augusto Dias de Carvalho; chefe da expedição portugueza ao Muatianvua. Lisboa, Imprensa Nacional. Fasciculo 1.

Esta obra é um dos resultados da expedição portugueza ao Muatianvua dirigida pelo major sr. Henrique de Carvalho a que já tivemos occasião de nos referir-mos no OCCIDENTE.

Promette ser um trabalho importante para o estudo da Africa, a julgar pelas folhas do fasciculo que temos presente, o qual se occupa da lingua que falam os lundas, a que se seguirão as narrações historicas d'aquelles povos.

Revista de Medicina e Pharmacia *publicação semanal*, director Oscar d'Araujo etc. Paris, rua Laffitte 3. Esta revista parece-nos uma boa publicação scientifica, escripta em portuguez e que deve interessar a classe medica e pharmaceutica tanto de Portugal como do Brazil. Ahi fica a noticia.

Jack o Estripador *romance de actualidade* por James Middleton, editado pela Companhia Nacional Editora, Lisboa. Esta obra é a historia romantisada dos celebres crimes praticados em Londres, ha pouco, pelo assassino Jack, que tanto tem entretido a curiosidade publica. Estamos certos que o romance não entreterá menos aquella curiosidade, e que o leitor não nos dará alviçaras pela novidade, porque já lhe pagou o tributo, assignando para esta historia de crimes extraordinarios, a que a imaginação do romancista dará ainda mais relevo e sensação.

O Infante D. Henrique. *Discurso pronunciado no Palacio de Chrystal no dia 8 de abril de* 1889 pelo Dr Antonio Candido. Empreza Litteraria e Typographica, editora, Porto.

Ocioso será o encarecer aqui as bellezas d'este discurso a que a imprensa periodica de todo o paiz se tem referido com o louvor que merece, mas ainda que esse discurso não tivesse sido já tão preconisado, bastava o nome do auctor para se julgar dos primores de linguagem e elevação de pensamentos que o deviam constituir.

Esta obra litteraria, de subido valor acha-se impressa em um folheto, editado pela empreza acima mencionada a qual vae fazer a edição de outros discursos do mesmo auctor.

A Formosa Conspiradora *romance moderno* por Pierre Zaccone, traducção de A. M. da Cunha e Sá. David Corazzi editor, Lisboa. Vol. I. Este romance, como todos os que esta casa editora escolhe para publicar, é dos melhores que a litteratura moderna tem produzido no grande mercado de França, por isso é de esperar que a edição portugueza tenha o melhor acolhimento do nosso publico.

OBRAS DO PORTO DE LISBOA — (DEBARQUEMENT FLOTANT)

(Desenho de L. Freire)

que é d'uma suprema elegancia e bom gosto.

Segundo os calculos dos dois engenheiros as despezas seriam as seguintes: Dois tunneis, tendo os dois juntos a extensão de 4:100 metros — 2 milhões de francos; estação e viaducto na rua de S. Bento — 500 mil francos; 10 kilometros e meio da linha de Almada ao Barreiro — 2 milhões de francos; duas pontes no Seixal e Barreiro — 800 mil francos; nivelamento no Barreiro — 200 mil francos; material circulante — 500 mil francos; ponte sobre o Tejo — 40 milhões de francos. Total da obra — 46 milhões de francos, a que se deve accrescentar mais 4 milhões para os casos improvistos, expropriações e juro do capital durante a construcção.

Quer dizer, que esta obra, que seria sem questão alguma a mais notavel no seu genero em todo o mundo, custaria em dinheiro portuguez apenas 9:000 contos de réis.

Os srs. Bartissol e Seyrig calculam que a annuidade de 452:793$600 réis daria para o juro e para a amortisação do capital em 99 annos. Calculam mais a receita desde já provavel de 1 milhão e 400 mil francos, descontadas as despezas da exploração, o que constituiria o *deficit* annual de 260 contos de réis aproximadamente.

BALÃO JARDIM.—O sr. Cypriano Jardim deve realisar brevemente uma ascenção no aerostato dirigivel que inventou e a que já nos referimos largamente no OCCIDENTE.

CAPAS CARTONADAS

PARA

Encadernações do «Occidente»

Conforme os mais annos a empreza do OCCIDENTE continua a fornecer capas luxuosas em percaline com ornatos a preto e ouro fino, para encadernação dos volumes do OCCIDENTE, ao preço de 800 réis cada capa.

A mesma empreza se encarrega de mandar fazer a encadernação dos volumes n'estas capas pelo preço de capa e encadernação 1$200 réis.

Para as provincias enviam-se as capas francas de porte, e toma-se incumbencia de fazer as encadernações, sendo os portes por conta de quem as manda.

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES
25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43